FESTA DO ROSÁRIO EM MILHO VERDE - MG: ESPAÇO SAGRADO

Aline Pandeló Brügger

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Doutoranda em Geografia

Resumo:

Esse trabalho tem como objetivo analisar a Festa do Rosário sob o viés da geografia cultural, na perspectiva de compreender o espaço sagrado da festa com a comunidade local para entender a dinâmica socioespacial do evento, a partir da tríade vivido X percebido X concebido através de uma atitude fenomenológica.

Palavras – Chave: Festa do Rosário; Geografia Cultural; Manifestação do sagrado;.

Introdução

A Festa do Rosário no Brasil vem desde o período colonial, quando os negros africanos chegaram a nosso continente. Não se sabe ao certo, a data do inicio de sua comemoração, há uma variação cronológica entre 1713 e 1745.

A comemoração da festa da santa iniciou-se com Chico Rei com a inserção das tradições africanas por trazer referências com a coroação dos reis negros. Em 1747, na antiga Vila Rica, atual Ouro Preto foi organizada a primeira festa em louvor á Virgem do Rosário. Há uma reprodução simbólica tribal com a coroação dos reis do congo, as trocas de embaixadas e a representação das lutas entre as monarquias negras. A partir desse momento, houve a disseminação da tradição festiva africana por Minas Gerais e alguns estados do Brasil.

No distrito de Milho Verde, município de Serro – MG, a festa é realizada de acordo com a determinação do pároco, mas geralmente acontece no ultimo final de semana de setembro, que difere da data original comemorativa no dia 7 de Outubro. A mudança da data é devido ao grande número de festas religiosas nesse período na região, para que a comunidade local possa participar de outras festividades. Durante o período da festa nota-se um aumento do fluxo de pessoas no distrito, que chegam para poder participar dos festejos do Rosário,

esses atores vem das localidades próximas, como: Serro, Capivari, São Gonçalo do Rio das Pedras e alguns vêem da capital mineira.

A cultura afrodescendente é marca registrada da Festa, e uma dessas representatividades são os grupos de congadas, "caboclinhos", catopês e dos marujos que fazem parte do espetáculo religioso. Os negros que vieram da África trouxeram consigo as raízes religiosas do candomblé, uma vez que era um dos meios de pertencimento a uma comunidade. "Dentre outras práticas culturais como, por exemplo, a capoeira, o maculelê, a religião foi a que os negros se apegaram para manter viva sua memória e o sentimento da grande família africana.[1]"

Referencial Teórico

Ao longo do tempo e à medida que houve mudanças na relação Homem e natureza, os motivos das festas também sofreram alterações. As práticas festivas foram adquirindo outras finalidades; com a diminuição da dominação da Igreja católica, o profano se fortaleceu diante do sagrado. Assim pergunta-se "o que é profano"? Qual sua relação com o sagrado? Qual a relação com a geografia? (Rosendahl, 2012).Qual é a relação da Festa de Nossa Senhora do Rosário com o lugar? Quais são as territorialidades que ali se manifestam? Como a identidade é formada a partir da ligação com o lugar da festa?

Entende-se que o sagrado está relacionado com a santidade, o espiritual, os preceitos cristãos enquanto o profano é a festa, a rua, o comércio, a música e o sexo. "o espaço profano é definido em relação ao espaço sagrado, inexistindo, mesmo que simbolicamente, fora dessa relação. Pode ser definido como a área em torno do centro, onde estão o "ponto fixo" e o entorno." (Rosendahl, 2012, p. 78). Uma das relações com a geografia verifica-se na ordem que a religião impõe ao espaço, onde estabelecem conexões econômicas, políticas e sociais e que é marcada por momentos diversos que a cada tempo sagrado os distingue, criando lugares, território e itinerários sagrados (Rosendahl, 2012).

É possível dizer que o espaço sagrado da festa é no entorno da capela de Nossa Senhora do Rosário, situada no centro do distrito, um lugar de referência turística, quando esta ficou nacionalmente conhecida na capa do disco do Milton Nascimento. Há uma variação anual do local de saída dos grupos, mas o lugar do encontro permanece o mesmo, a capela do Rosário, e em suas adjacências dois belos coqueiros para embelezar a paisagem. No entorno,

---

[1] http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=205 Acesso em 26 de Fevereiro de 2015 às 22:02.

um campo com vista para o exuberante cerrado mineiro, e onde acontece o forró da noite e a missa campal no sábado. No dia de hasteamento da bandeira, na parte externa da igreja, o mastro é levado a uma altura, onde todos possam admirá-lo. "Bandeiras, hinos, desfiles, estátuas e memoriais enfatizam valores socializados, como nação, heroísmo, igualdade, classe ou etnia, articulados em um contexto de mais alto significado, podendo adquirir uma dimensão transcendente" (Rosendahl, 2012, p. 85).

Durante os festejos, apresentam-se os grupos de caboclos, marujos e catopês, que tem suas raízes na matriz africana. De acordo com Costa (2012, p. 70) "a congada é uma prática socioespacial que remonta os tempos da escravidão no Brasil, quando os africanos vindos de diferentes regiões da África, lutavam para manter vivas as tradições e a identidades negras em terra de branco."

"No Brasil a congada persistiu enquanto prática festiva aliada à religião nas regiões onde o trabalho escravo foi mais utilizado como no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Goiás e alguns estados do Sul do país." (Costa, 2012, p. 71). Devido à variedade de tribos africanas vindas para o Brasil, a Congada tem uma variação de ritmos, vestimentas e de instrumentos nos vários lugares onde ainda é realizada. Especificamente, na festa da Nossa Senhora do Rosário em Milho Verde apresentam-se juntamente com a congada, os caboclos e o catopê que se apresentam nas imagens abaixo.

Ilustração2: Festa do Rosário

Fonte: http://1.bp.blogspot.com/_z43u6Fe5_pc/TNSu7eRvT1I/AAAAAAAAAY8/IpmJyo1MsKQ/s1600/DSC08108.JPG Acesso em 18/jan/2015

Ilustração 3: Manifestações religiosas na Festa do Rosário

Fonte: http://www.brasildefato.com.br/sites/default/files/u1130/pag%204%20-%202%C2%AA%20foto%20-%20660x390.gif Acesso em 18/jan/2015

"O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado." (TUAN, 1983, p. 387). A relação da comunidade com o lugar da Festa é baseado nas relações sociais que ali se manifestam com ligações de pertencimento ao lugar do encontro, das afetividades, subjetividades e identidades. Visto que os reis e rainhas do Congo representam uma forma de desenhar a lógica territorial da festa por levar a população por diversos espaços do município, além dos mestres da congada, catopês e marujadas. O lugar é a base material da reprodução da vida, onde se dão as relações dos indivíduos com os espaços pelos modos de uso. Ele é o espaço possível de ser sentido, pensado, apropriado pelo corpo. É no cotidiano que emerge a dimensão social da história e é no lugar que se tem que analisar o modo como é produzida a existência social dos seres humanos (GODOY, 2005).

A escolha do tema tem relevância porque analisaremos a festa (e suas respectivas manifestações) sob o viés socioterritorial e suas interações com o território, como esta o transforma e o molda durante o período festivo.

De acordo com Bezerra (2008, p. 7) na dinâmica das cidades brasileiras, a festa tem um lugar expressivo, através dela que as experiências sociais e as identidades locais são (re) atualizadas, ritualizadas e celebradas. Destaca-se o papel da cultura, uma vez que está intimamente ligado com as identidades. Assim

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em outra escala, pelo conjunto dos grupos que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. (...) os membros de uma civilização compartilham códigos de comunicação. Seus hábitos cotidianos são similares. Eles têm em comum um estoque de técnicas de produção e de

procedimentos de regulação social que asseguram a sobrevivência e a reprodução do grupo. Eles aderem aos mesmos valores, justificados por uma filosofia, uma ideologia ou uma religião compartilhadas. (CLAVAL, 2001, P. 63).

Vale ressaltar que Lefebvre (1991) já dizia que a cidade foi um espaço ocupado pelas festas e concomitantemente pelo trabalho produtivo e pelas obras. Em *a cidade e a história*, Henry Mumford (1965) também destaca a ligação existente entre a cidade e a festa para esclarecer a origem da cidade, segundo o autor está ligada à predisposição do homem para a vida em sociedade, isto é, para o compartilhamento, antes da cidade servir como local de resistência, ela é "ponto de encontro". Dessa forma, "o primeiro germe da cidade é, pois, o espaço de encontro cerimonial, é a festa." (Bezerra, 2008, p. 7). Destaca-se a importância da geografia cultural nessa pesquisa, uma vez que esta é uma das áreas mais emocionantes do saber geográfico. Tal conteúdo aborda "análises de objetos do cotidiano, representações da natureza na arte e em filmes até estudos do significado das paisagens e a construção social de identidades baseadas em lugares, ela cobre numerosas questões". (MCDOWELL, 1966, p. 159).

Metodologia

Diante da perspectiva de estudar a Festa do Rosário em Milho Verde – MG adotaremos a atitude fenomenológica para compreendermos a percepção do espaço vivido, percebido e sentido pelos atores que compõem a festa religiosa.

A fenomenologia é uma das orientações filosóficas para a pesquisa qualitativa, esta que parte do "fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito" (CHIZZOTTI, 1991, P. 79). Sob esse aspecto, o sujeito-observador interpreta os fenômenos, dando-lhe significado, é parte integrante do conhecimento, este que conecta-se com uma teoria explicativa e não a dados isolados. O objeto está possuído de significados e relações criados pelos sujeitos em suas ações, não é um dado inerte e neutro. A fenomenologia vela pelos fenômenos através da familiaridade com as coisas tangíveis. (Chizzotti, 1991).

O método fenomenológico é empregado em pesquisa qualitativa, não é dedutivo nem indutivo, preocupa-se com a descrição direta da experiência como ela é; a realidade é construída socialmente e entendida da forma que é interpretada; a realidade não é única, existem tantas quantas forem suas interpretações e comunicações (GIL, 1999; TRIVIÑOS,

1992) Destarte, o pesquisador tem uma interrogação e vai percorrê-la buscando sua compreensão. Por isso, a Festa do Rosário é vista pelo pesquisador enquanto fenômeno, ou seja, algo que pede, que exige um desvelamento, uma "iluminação".

A Fenomenologia, diferentemente dos métodos convencionais de investigação, tem como foco central a distinção entre experiência e comportamento, ou seja, há uma relação com o corpo e a mente e a relação entre a pessoa e o mundo. (Santos, 2011, p. 73). Tal modelo metodológico traz à tona as próprias experiências do indivíduo e sua busca comum no experimento dos outros. Destarte, as facetas rotineiras da vida diária, no espaço vivido, denominado por Buttimer (1982, p. 172) como *lebenswelt,* em que o *"horizonte abrangente de nossas vidas individual e coletiva."*

Durante os dias da festa, apresentam-se um grupo de pessoas que se propõem em desenvolver uma atividade para a celebração da Nossa Senhora do Rosário, como: O rei, a rainha, os juízes, o mordomo, os dançantes do catopê, da marujada, os caboclinhos e as meninas do Rosário. Tais atores fazem parte de um contexto religioso em que se revela na Festa do Rosário, por isso é necessário submergir no mundo dos indivíduos que participam desse espetáculo. Segundo Claval (1999, p. 70) "o mundo que nós estudamos é moldado pela ação dos homens e se encontra marcado por seus saberes, seus desejos e suas aspirações."

Em cada uma dessas manifestações há simbolismos diferenciados, uma vez que catopês, caboclinhos e marujos trazem em sua matriz relações com as representações africanas e ritualísticas do candomblé e da umbanda. Diante da riqueza das representações simbólicas festivas é que a fenomenologia, como um "estudo descritivo de um conjunto de fenômenos, tal como eles se manifestam no tempo e no espaço, por oposição quer as leis abstratas e fixas destes fenômenos, quer a realidade transcendente de que seriam a manifestação, quer a critica normativa de sua legitimidade" (Lalande, 1993, p. 397) é utilizada como um método para compreender o espaço vivido dos atores que compõe a Festa do Rosário em Milho Verde – MG.

Para poder entender um pouco melhor sob a análise do espaço- vivido ou do mundo-vivido como também é chamado, devemos nos lembrar de Frémont, que foi o percussor desse conceito "compreendido como um espaço de vida, construído e representado pelos atores sociais que circulam nesse espaço" e no espaço- vivido que há uma dimensão da experiência humana dos lugares (Gomes, 1996, p. 317). O mundo vivido trata-se de descrever o mundo cotidiano do homem, a partir da experiência imediata, suas ações, lembranças, desejos e percepções. (Holzer, 1992)

Resultados Obtidos

A Festa do Rosário em Milho Verde – MG apresenta-se uma dualidade, entre o catolicismo popular e as manifestações africanas, entre o sagrado e o profano. No interior de Minas Gerais, há um encontro dos saberes e viveres locais, uma pluralidade cultural, onde são valorizadas as identidades regionais e suas memorias, num contexto típico das festas do interior de Minas Gerais.

No contexto da religiosidade do milhoverdense, com seus hábitos e costumes, que vão além do momento do festejo, suas práticas diárias, que passam de geração a outra como forma de perpetuar o ritual que traz consigo simbolismos, crenças, lendas e mitos, fortalecidos pelo poder da fé, vontade de entender o mundo, a vida e a morte, em louvor ao Divino, expressam de modos dispares de refletir o sentimento e a maneira de ser de seu povo.

Referências Bibliográficas

BUTTIMER, Anne. **Aprendendo o Dinamismo do Mundo Vivido**. In: CHRISTOFOLETTI, A. Perspectivas da Geografia. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 165-194

BEZERRA, A.C.A. Festa e cidade: entrelaçamentos e proximidades. **Revista Espaço e cultura,** Rio de Janeiro, n. 23. P. 7-18, Jan/Jun.2008.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.
CLAVAL, P. **A geografia cultural.** Florianópolis: Ed. UFSC, 2001.

CORRÊA, R. L.; CASTRO, I. E.; GOMES, P. César da Costa**. Olhares Geográficos:** modos e ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

COSTA, Carmem Lúcia. **Cultura, religiosidade e comércio na cidade:** a Festa de Nossa Senhora do Rosário em Catalão – Goiás. 2010. 230f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

GODOY, T. M. P. **O espaço da produção solidária dos catadores de materiais recicláveis:** usos e contradições. 2005. 163f. Dissertação (Mestrado em Geografia)– Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual de São Paulo, Rio Claro, 2005.

GOMES, P. C. da C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

HOLZER, Werter. **A Geografia Humanista - sua trajetória de 1950-1990**. Dissertação de mestrado em Geografia. V. 1 e 2 Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

MUMFORD, L. **A cidade na História.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.

LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da Filosofia**. Trad. Fátima Sá Correia et al. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LEFEBVRE, H**. O direito a cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo, 1991.

TUAN, Y-F. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.